LETRAMENTO EM UMA ESCOLA DE HORÁRIO INTEGRAL NO MUNICÍPIO DE NOVA IGUAÇU / RJ

ALESSANDRA VICTOR DO NASCIMENTO ROSA (UNIRIO), VALDENEY LIMA DA COSTA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO).

Resumo
Este trabalho relata experiência de letramento realizada em uma escola de horário integral da rede de Nova Iguaçu, município situado na Baixada Fluminense/Estado do Rio de Janeiro. Essa proposta de letramento acontece em oficinas desenvolvidas no horário integral, atendendo alunos das primeiras séries do Ensino Fundamental. O estudo tem, como objetivos, analisar e socializar as práticas de leitura e escrita realizadas nessa escola pública. O percurso metodológico utilizado consistiu numa abordagem qualitativa de pesquisa. Em um primeiro momento realizou–se um estudo teórico– bibliográfico sobre letramento, educação e tempo integral. Em outro momento foi realizado uma investigação empírica com observação e aplicação de questionários com os sujeitos envolvidos nas oficinas de letramento. Foram realizadas leituras de Coelho e Cavaliere (2002) e Cavaliere (1996), que discutem a educação em tempo integral. Para a discussão de letramento utilizamos Soares (1998). Realizamos também um diálogo com Freire (1989) e Smolka (1998) sobre concepções de leitura e escrita. Os questionários foram realizados com sete professores regentes da escola investigada. Através da análise dos questionários respondidos, os resultados da investigação apontam uma significativa mudança na concepção de leitura e escrita dos envolvidos nesse processo. Além disso, a observação do cotidiano escolar permitiu inferir que as oficinas proporcionaram um estímulo na construção de práticas de letramento nesses alunos.

Palavras-chave:
Letramento, escola de tempo integral, prática pedagógica.

1. Introdução

Atualmente, diversas iniciativas vêm surgindo por parte do poder público para implementar projetos de alfabetização de crianças nas séries iniciais do ensino fundamental. Por outro lado, as escolas também se mobilizam para que seus alunos desenvolvam habilidades consistentes em leitura, escrita e operações matemáticas.

Este artigo é um relato de uma experiência de letramento que vem ocorrendo na escola pública municipal Paulo Roberto Fiorenzano de Araújo, localizada em Nova Iguaçu, Estado do Rio de Janeiro. Nele, apresentamos a proposta de letramento da oficina de incentivo à palavra, desenvolvida no horário integral, com a finalidade de analisar e socializar as práticas de leitura e escrita realizadas nessa escola pública.

A experiência aqui relatada integra um projeto da escola, cuja finalidade é fornecer subsídios para que os educandos ampliem (e se apropriem de) conhecimentos

sobre leitura, escrita e operações matemáticas. Utilizando metodologia diferenciada, é intuito das oficinas incentivar os alunos a praticarem a leitura e a escrita em seu cotidiano.

Neste trabalho, além de registrarmos as vivências do projeto na escola, esboçamos breves reflexões sobre os temas leitura, escrita, letramento, e educação em tempo integral. Assim, ressaltamos que num primeiro momento discutiremos as relações que permeiam estes elementos. Como observamos que a escola oferece a opção do tempo integral, sentimos necessidade de saber um pouco sobre essa jornada ampliada. Não alongaremos essa discussão, visto que aquele tema vem sendo por nós discutido em outros trabalhos no âmbito do grupo de pesquisa em que estamos inseridos. Enquanto nas discussões sobre letramento, leitura e escrita, referenciamos autores como Soares (1998), Freire (1989) e Smolka (1998), para a discussão sobre educação em tempo integral citamos reflexões de Coelho e Cavaliere (2002) e Cavaliere (1996).

Num segundo momento, descrevemos a oficina desenvolvida na escola. Esta também é caracterizada para que nossos leitores percebam o espaço físico onde ocorrem as práticas de letramento. Por último, apresentamos resultados de uma pesquisa feita com sete professores do turno regular, para sabermos quais os efeitos da proposta de letramento da oficina de incentivo à palavra.

2 Sobre Leitura, Escrita, Letramento e Educação em tempo integral

A produção sobre os temas leitura, escrita e letramento são vastas na literatura educacional. Podemos encontrar escritos e mesmo discussões sobre o tema desde o campo da Educação à Lingüística, bem como em textos elaborados por profissionais de outras aéreas.

Na maioria dos cursos de graduação somos convidados, em vários momentos, a dialogar com textos de Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Paulo Freire e Magda Soares. Estes são autores dentre outros, que produziram/produzem reflexões sobre Alfabetização e Letramento. Assim, podemos dizer que estes intelectuais são figuras carimbadas quando se abordam aqueles temas.

Dito isso, precisamos esclarecer que nosso propósito neste trabalho não será o de revisar e reescrever exaustivamente o que os autores supracitados pensam/ pensaram sobre os temas leitura, escrita e alfabetização. Este não é o foco deste artigo, visto que devido ao espaço que nos cabe, pretendemos centralizar seu conteúdo no relato de uma experiência de letramento, como forma de exemplificar que é possível desenvolvermos atividades que possibilitem a aquisição e domínio das habilidades de leitura, escrita e operações matemáticas de nossos alunos.

. Embora não seja nosso intuito elaborar quadros teóricos sobre as temáticas aqui discutidas, sentimos a necessidade de revelar nossas concepções sobre os mesmos. Nesse sentido, cabe-nos revelar o que entendemos e defendemos quando nos deparamos com o assunto em pauta.

Quando pensamos nos atos *ler* e *escrever***,** partimos do entendimento que estes são processos correlacionados e que devem se desenvolver simultaneamente na prática pedagógica escolar. Sendo ações interativas, o *ler* e o *escrever* precisam, acima de tudo, ser efetivamente praticados no espaço da sala de aula. O que vem acontecendo no cotidiano escolar nos parece mostrar uma realidade diferente, e que de certo modo, nos causa espanto.

Na maioria das escolas, o *ler* e o *escrever* são pensados como processos isolados, restritos, muitas vezes, à disciplina de Língua Portuguesa nas séries iniciais ou nas disciplinas de Redação e Literatura, no caso das séries terminais da educação básica. Além disso, se percebe a leitura e a escrita não como experiência, mas, como exigência. Como conseqüência, as produções escritas e as práticas de leituras cumprem apenas meros requisitos para avaliação de desempenho (escolar).

Pensamos a leitura e a escrita enquanto atividades que proporcionam experiências ao sujeito. Sendo assim, cabe-nos carregar um pouco da leitura para além do seu tempo, para além da hora em que se realiza, - que deve ocorrer o mesmo com a escrita, compreendida sua importância enquanto experiência. (Kramer, 2000).

Partindo do entendimento que *ler* e *escrever* devem consistir em situações de vivências e que desempenham um papel importante na formação dos próprios sujeitos (Kramer, 2000), nos resta empreender investidas para sua promoção no ambiente escolar, principalmente no espaço de sala de aula. Isso implica na reflexão de nossas práticas pedagógicas. Nesse sentido, cabe ao professor encorajar a “compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da

linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo" (FREIRE, 2001, pag. 11). A compreensão crítica do ato de ler pelo sujeito perpassa, ao nosso ver, momentos de vivências com a escrita e oralidade.

A ampliação do contato com práticas de leitura e escrita pode ser possível através de um elemento que hoje se visualiza indispensável para a escola: a extensão de sua jornada. Assim, a extensão do tempo de permanência do aluno na escola ou sob sua responsabilidade, particularmente, para aqueles oriundos das classes populares, pode (e deve) possibilitar o incremento de atividades educativas complementares, instaurando "um modelo de organização escolar que possibilite a realização de um projeto educacional efetivamente democrático" (COELHO&CAVALIERE, 2002: 7).

Com a jornada escola ampliada, as práticas de letramento, ou seja, o uso social da leitura e da escrita (Soares, 2001) pode ser realizado não somente em aulas ou oficinas de língua portuguesa, redação ou literatura, mas também podem ser realçadas em atividades das mais diversas, a exemplo de esportes, dança, artes plásticas e atividades laborais.

3. Incentivo à Palavra e sua proposta de Letramento

No ano de 2005, foi implementado em Nova Iguaçu, o Programa Bairro-Escola[1], uma proposta de educação em tempo integral para as escolas públicas da rede municipal de ensino. Com a finalidade de oferecer uma educação ampla em tempo ampliado, que incorpore espaços educativos para além do escolar, o Bairro-escola vem se tornando um programa governamental de referência nacional.

Ainda quando de sua criação, o programa deu origem a alguns cargos dentro da escola, dentre eles, o coordenador de Incentivo à Leitura, que hoje é conhecido como Incentivador da palavra, que trabalharia com as turmas do tempo integral.

Dois anos após a largada das atividades, ou seja, em 2007, a E. M. Paulo Roberto F. Araújo, nosso campo de pesquisa, aderiu ao programa, dando inicio às oficinas. Assim, antes de discutirmos a proposta de letramento do Incentivo à palavra, faz-se necessário descrevermos o ambiente escolar onde se realizou esse estudo.

A escola Municipal Paulo Roberto F. Araújo, sediada na Região Nordeste de Nova Iguaçu (RJ), foi fundada no ano de 1996. Localizada no Bairro do Geneciano, ela pode ser considerada como de pequeno porte, pelo espaço físico acanhado que possui. Além disso, a escola conta com cerca de 41 funcionários, atendendo aproximadamente

457 alunos do primeiro ao quinto ano de escolaridade, advindos do próprio bairro, como também de outros próximos.

A instituição situa-se em local periférico da cidade, com imóveis residenciais, hortas, uma igreja, uma mata e animais perambulando pelas ruas. Estas não são asfaltadas, o que dificulta a circulação de veículos pelo bairro, atendido por apenas duas linhas de ônibus.

O pátio da escola é feito de cimento, possui uma amarelinha, um jogo da velha e alguns bichinhos pintados. Nele está organizado o cantinho da leitura, espaço destinado para momentos de leituras. Percebe-se que as crianças freqüentam espontaneamente esse local, principalmente em seus momentos livres.

A escola tem oito salas de aula, compostas cada uma por carteiras estudantis, lousa de giz, um mural, três ventiladores (um de parede e dois de teto), mesa e armário do professor. Além desses espaços, encontramos um ambiente com seis computadores organizados sobre mesas educativas[2], com jogos pedagógicos e alfabeto móvel. Neste encontramos ainda um acervo, com cerca de seiscentos livros paradidáticos, em virtude de não existir uma biblioteca.

Visto isso, antes de descrevermos algumas das atribuições do incentivador da palavra é importante destacar que a pessoa que exerce essa função é um professor concursado, que saiu de sala de aula para atuar nessas oficinas. Esse fato é digno de grande consideração, pois todos os outros oficineiros não são professores regulares, são estagiários, enfim, pessoas contratadas. Não queremos com isso desmerecer outros profissionais, mas sim destacar essa diferença.

Outra característica pertinente a este estudo se refere à programação dos momentos de interação do incentivador com os alunos. Nesse sentido, é importante dizer que o incentivador deve programar um horário de atendimento para as turmas do tempo integral. Se houver condições, ele deve também montar uma grade de horários para os alunos do regular. No período em que o horário integral não estiver acontecendo o ideal é que o incentivador atenda as do turno regular.

Dentre as atuais atribuições do incentivador da palavra, podemos destacar as seguintes: (1) Criar um espaço de leitura para os alunos; (2) Elaborar aulas prazerosas de incentivo à palavra e leitura; (3) Encorajar práticas de leitura e escrita; (4) Criar meios de empréstimos de diferentes fontes de leitura; (5) Viabilizar meios de integrar as diferentes fontes de leitura ao cotidiano dos alunos.

Destacamos as atribuições acima, porque demonstram a concepção de leitura e escrita das oficinas. Através delas podemos inferir que a perspectiva desses momentos não é em hipótese alguma a de promover o ensino de técnicas, visto que a "aprendizagem da técnica, domínio do código convencional da leitura e da escrita e das relações fonema/grafema, do uso dos instrumentos com os quais se escreve, não é pré-requisito para o letramento" (SOARES, 2003, pág. 16).

Nas oficinas desenvolvidas na E. M. Paulo Roberto F. Araújo acontecem diferentes práticas de incentivo a palavra, a saber: jogos pedagógicos que envolvem leitura, escrita e matemática, contação de histórias, criação de fantoches/dedoches, teatro, confecção de livros, construção de versos, construção coletiva de histórias, (re)escrita de histórias, danças, músicas, roda de leitura, baú de livros, autor homenageado, paródias, exibição de filmes, entre outros. Para desenvolver essas oficinas, o incentivador dispõe de uma hora e vinte minutos com os alunos do horário integral e quarenta minutos para as turmas do regular.

Os temas das oficinas são planejados com antecedência, para que haja tempo suficiente para a organização de materiais que darão suporte a prática. O incentivador procura fazer uma interação entre o seu planejamento e o plano de curso da escola. A rotina desses momentos, geralmente acontece da seguinte forma: uma conversa informal, logo em seguida contação de história, feita por algum aluno ou o próprio incentivador, e por fim uma dinâmica, que pode ser construção de um texto, um jogo ou até mesmo uma dança.

Uma das oficinas que podemos citar como exemplo aconteceu num dia de culminância bimestral, no pátio com todos os alunos e professores da escola. O incentivador convidou os alunos e os professores a participarem de uma brincadeira.

Em seguida pediu para arrumarem um par e depois ensinou a função de cada um da dupla na dança - então começou a cantar e a ensinar a música *"De abóbora faz melão, de melão faz melancia, faz doce sinhá, faz doce sinhá, faz doce sinhá Maria. Se quiser aprender a dançar vá na casa do Juquinha, ele pula, ele rola, ele faz requebradinha"*. A música compreende uma pequena história popular que é contada em ritmo de quadrilha e desperta, além da diversão, um conhecimento histórico, visto que tem palavras em sua composição que já não fazem parte do nosso cotidiano. Em outro momento quando de nossa presença em um dia da oficina, observamos um trabalho feito com portadores de textos (jornal, revistas em quadrinhos, cartas, bilhetes, cartazes) proposto pela incentivadora aos alunos. Tratou-se de uma atividade que despertou o interesse da turma, pois envolveu todos os alunos presentes.

As práticas descritas anteriormente vem oferecendo aos alunos momentos prazerosos de contato com diferentes suportes de leitura e escrita, conforme podemos verificar pela análise dos dados de uma pesquisa realizada com alguns professores da escola e que apresentamos em seguida os dados coletados no instrumento de pesquisa que utilizamos.

4. Dados de uma pesquisa realizada sobre a oficina

Para avaliar o processo de letramento das oficinas e verificar se elas estão conseguindo atingir os efeitos esperados, realizamos na escola pesquisada

um estudo qualitativo. Uma das suas etapas consistiu na aplicação de um questionário estruturado aos professores do quarto e quinto anos do tempo regular.

Decidimos aplicar os questionários aos professores do quarto e quinto anos, pelos seguintes motivos: (1) suas turmas são formadas basicamente por alunos que já estudavam na escola, antes mesmo do início das oficinas e (2) os professores são os mais antigos da instituição, isso possibilita uma análise do antes e do depois da realização das oficinas.

Nosso objetivo era disponibilizar aos docentes um instrumento que lhes possibilitasse avaliar os resultados do projeto aqui discutido. Nesse sentido, elaboramos um questionário com oito questões objetivas: as questões 1 a 8 eram compostas por quatro opções (a, b, c e d); as questões 2, 4 e 7 eram compostas por cinco alternativas, enquanto as questões 3, 5 e 6 possuía uma opção afirmativa e outra negativa.

Os questionários foram respondidos por sete professores efetivos do horário regular, entre os períodos de abril a meados de junho, dentro do ambiente escolar. No preenchimento do formulário foi facultada aos respondentes a identificação, pois desejávamos tranqüilizá-los na resolução do instrumento de pesquisa.

No momento da abordagem dos sujeitos da pesquisa, informamos os objetivos do questionário proposto, assim como, em seguida, explicamos cada pergunta solicitada para que eles – os professores-pudessem respondê-las seguramente. Após o preenchimento, recebemos os instrumentos para realização de suas análises.

Apresentamos a seguir os resultados das análises dos questionários aplicados aos sujeitos da pesquisa, para verificarmos como estes avaliam a proposta de letramento da oficina de Incentivo à palavra, desenvolvida em seu espaço de trabalho. Ressaltamos que as questões e respostas de número 1, 2, 4, 7 e 8 foram representadas em formato de gráfico de colunas para uma melhor visualização e exploração dos dados. As demais questões serão descritas em seguida. Segue abaixo as análises dos dados sistematizados em cada gráfico.

Gráfico 1 – **Funções Docentes**

<!--[if !vml]-->

O eixo na vertical simboliza o quantitativo de professores pesquisados e na horizontal representa as respostas referentes as funções docentes. Nesse primeiro gráfico podemos verificar que, do universo pesquisado, é significativo o quantitativo de professores que possuem pós-graduação (5 dos 7 respondentes), representando assim um percentual aproximado de 71,42%. Na outra ponta encontramos um percentual de 28,57% (2 dos 7 de professores) que possuem somente Curso Normal.

Um dado curioso revelado no gráfico acima se refere ao número de professores licenciados no campo da Pedagogia, cujo quantitativo é inferior ao que representa os licenciados em outras aéreas do saber.

Acreditamos que o fato de haver na escola um grande percentual de professores com pós-graduação é muito positivo, porém concordamos com a reflexão de Vieira (2008) quando argumenta que o aumento dos níveis de formação do professorado parece não se traduzir em mais aprendizagem. Por outro lado, defendemos a importância da formação continuada dos professores, particularmente daqueles que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Gráfico 2 - **Tempo de Magistério**

<!--[if !vml]-->

Neste gráfico está exposto a relação do número de professores com o seu tempo de magistério. Dos sujeitos pesquisados nota-se que a maioria possui carreira no magistério superior a sete anos. Por outro lado**,** os dados nos permitem inferir que nenhum docente está em início de carreira, pois como se observa no gráfico, não foram assinalados os intervalos de 0-3 e 4-6 anos, referentes ao tempo de magistério. Isso nos permite perceber que os mesmos possuem uma experiência considerável na prática escolar, o que daria margem a outra investigação, visando saber as correlações entre tempo de formação e trabalho qualitativo em sala de aula.

Gráfico 3 – **Avaliação das oficinas**

<!--[if !vml]-->

Nesta representação aparecem dados que revelam a percepção dos pesquisados sobre os efeitos das oficinas de Letramento. Em termos percentuais podemos averiguar que 85,71% dos respondentes avaliam positivamente o trabalho

realizado, justificando que o mesmo proporciona o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e estimula a criatividade dos educandos.

Gráfico 4- **Opinião dos professores sobre o interesse dos alunos pela Leitura**

<!--[if !vml]-->

O quarto gráfico revela que 71,42% dos professores responderam que os alunos participam ativamente das atividades de leitura propostas e que 57,14% recorrem a leitura em situações cotidianas. Esses percentuais são interessantes, já que indicam que os alunos estão despertando novos hábitos de leitura.

Os dados do gráfico respaldam as impressões das observações realizadas na escola, durante o período de pesquisa. Como exemplo, relatamos o fato de muitos alunos procurarem o chamado cantinho da leitura durante os momentos livres, em que não estavam em sala de aula.

Gráfico 5 – **Opinião dos professores sobre o interesse dos alunos pela escrita**

<!--[if !vml]-->

O quinto gráfico, bem como o quarto, revela que 71,42% dos alunos participam de produções escritas propostas e 57,14% recorrem a escrita em situações cotidianas. Quanto a escrita espontânea e a utilização de diferentes formas de escrita os percentuais não se traduzem em valores expressivos, atingindo respectivamente 28,57% e 14,28%. Vale destacar que por *escrita espontânea* foi solicitado aos professores que avaliassem os momentos em que as crianças registravam palavras sem sua intervenção, particularmente no contexto de sala de aula. Já a opção *recorrem a escrita em situações cotidianas* foi sugerido que os professores identificassem se os alunos utilizavam a escrita para além da sala de aula.

O fato dos alunos recorrerem à escrita em situações cotidianas demonstra que eles já estão fazendo uso social de um conhecimento adquirido. Isso se revela importante porque acreditamos que o *escrever* deve ser praticado funcionalmente, em situações de experiências,caso contrário, “a escrita, sem função explícita na escola, perde o sentido; não sucinta, e até faz desaparecer o desejo de ler e escrever” (SMOLKA, 1999: 38).

5. Considerações Finais

Evidenciamos nesse artigo a proposta de letramento da oficina de incentivo à palavra em uma escola pública de Nova Iguaçu. Pelo exposto, procuramos socializar as práticas de letramento que vem colaborando para aquisição e domínio das habilidades de leitura e escrita dos alunos da educação fundamental da escola.

Por meio de atividades que levam em conta o contexto sócio-cultural dos educandos, as oficinas estão proporcionando aos alunos do Paulo Roberto F. Araújo novas experiências com o *ler* e o *escrever*. Por outro lado, acrescida a essa proposta, está o projeto de educação integral do Programa Bairro-escola, que pretende ampliar as aprendizagens dos alunos *dentro* e *fora* do espaço escolar.

Expusemos aqui, mesmo que de maneira abreviada, nossas concepções sobre leitura e escrita e letramento. Pretendíamos informar ao leitor que entendemos a leitura e a escrita enquanto momentos de experiências que levam em conta os saberes e o contexto cultural dos educandos. Essa nossa concepção parece ser a que vem sendo praticada na oficina de incentivo à palavra na escola fluminense.

Conforme relatamos, as oficinas de leitura e escrita articuladas com as demais atividades do horário integral vem proporcionando novas aprendizagens para os alunos da escola. Este vem percebendo a cada momento, segundo depoimento dos professores, a presença constante das ações *ler* e *escrever* em seu cotidiano. Os educandos da escola Paulo Roberto, em especial os que cursam o 4º. e 5º. anos, vem adquirindo prazer em ler e escrever, pois quase sempre colocam em prática o aprendizado adquirido, seja fazendo um simples bilhete para a diretora da escola, justificando uma saída antecipada para o médico, seja folheando livros paradidáticos no cantinho da leitura ou mesmo na sala das aulas de informática.

A pesquisa realizada exemplificou que as oficinas desenvolvidas vêm representando uma experiência positiva de formação de indivíduos leitores. Através de práticas dinâmicas os sujeitos estão construindo hábitos de leitura, interagindo com o seu mundo social e percebendo cada vez mais a função do ler e do escrever.

O que vem acontecendo na escola pesquisada demonstra uma experiência de letramento que é precedida por ações que atuam integralmente em aspectos da vida discente que se levam em conta seu bem-estar físico, seu desenvolvimento como ser social e cultural (Cavaliere, 1996). Em outras palavras, as atividades das oficinas articulam-se com os conteúdos trabalhados nas disciplinas do turno regular e com as demais oficinas do integral. Esse aspecto se revelou importante porque demarca a presença de um movimento que chamamos de transdisciplinaridade dos conhecimentos.

Para finalizar a experiência aqui relatada, a medida que vem sendo alcançando bons resultados na aprendizagem discente, a avaliação feita pelos professores exemplifica, por outro lado pode estar contribuindo para que a escola campo de pesquisa possa avançar nos indicadores educacionais, a citar o Índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB).

6. Referências bibliográficas.

CAVALIERE, Ana Maria Villela. **Escola de educação integral:** em direção a uma educação escolar multidimensional. Rio de Janeiro, 1996. Tese de doutorado, UFRJ.

COELHO, Lígia Martha Coimbra da Costa; CAVALIERE, Ana Maria Villela. **Educação brasileira e(m) tempo integral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 41.ed. São Paulo, Cortez, 2001.

KRAMER, Sonia. **Leitura e escrita como experiência** – seu papel na formação de sujeitos sociais. Presença Pedagógica. V. 6 n. 31. jan/fev. 2000.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 8 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização**. Presença Pedagógica. V. 9 n. 52. jul/ago. 2003.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VIEIRA, Sofia Lerche. **Educação básica**: política e gestão da escola. Fortaleza: Líber Livro, 2008.

---

[1] Para mais detalhes ver GADOTTI, Moacir e CABEZUDO, Alicia. Cidade Educadora: princípios e experiências. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

[2] Computadores com softwares pedagógicos.

LETRAMENTO EM UMA ESCOLA DE HORÁRIO INTEGRAL NO MUNICÍPIO DE NOVA IGUAÇU / RJ

Alessandra Victor / UNIRIO[1]
victor. alessandra@gmail.com
Valdeney Lima/ UNIRIO
pedagogoney@yahoo.com.br

1. Introdução

Atualmente, diversas iniciativas vêm surgindo por parte do poder público para implementar projetos de alfabetização de crianças nas séries iniciais do ensino fundamental. Por outro lado, as escolas também se mobilizam para que seus alunos desenvolvam habilidades consistentes em leitura, escrita e operações matemáticas.

Este artigo é um relato de uma experiência de letramento que vem ocorrendo na escola pública municipal Paulo Roberto Fiorenzano de Araújo, localizada em Nova Iguaçu, Estado do Rio de Janeiro. Nele, apresentamos a proposta de letramento da oficina de incentivo à palavra, desenvolvida no horário integral, com a finalidade de analisar e socializar as práticas de leitura e escrita realizadas nessa escola pública.

A experiência aqui relatada integra um projeto da escola, cuja finalidade é fornecer subsídios para que os educandos ampliem (e se apropriem de) conhecimentos sobre leitura, escrita e operações matemáticas. Utilizando metodologia diferenciada, é intuito das oficinas incentivar os alunos a praticarem a leitura e a escrita em seu cotidiano.

Neste trabalho, além de registrarmos as vivências do projeto na escola, esboçamos breves reflexões sobre os temas leitura, escrita, letramento, e educação em tempo integral. Assim, ressaltamos que num primeiro momento discutiremos as relações que permeiam estes elementos. Como observamos que a escola oferece a opção do tempo integral, sentimos necessidade de saber um pouco sobre essa jornada

---

[1] Mestrandos no Programa de Pós-Graduação em Educação/UNIRIO e integrantes do Núcleo de Estudos Tempos, Espaços e Educação Integral (NEEPHI / UNIRIO).

ampliada. Não alongaremos essa discussão, visto que aquele tema vem sendo por nós discutido em outros trabalhos no âmbito do grupo de pesquisa em que estamos inseridos. Enquanto nas discussões sobre letramento, leitura e escrita, referenciamos autores como Soares (1998), Freire (1989) e Smolka (1998), para a discussão sobre educação em tempo integral citamos reflexões de Coelho e Cavaliere (2002) e Cavaliere (1996).

Num segundo momento, descrevemos a oficina desenvolvida na escola. Esta também é caracterizada para que nossos leitores percebam o espaço físico onde ocorrem as práticas de letramento. Por último, apresentamos resultados de uma pesquisa feita com sete professores do turno regular, para sabermos quais os efeitos da proposta de letramento da oficina de incentivo à palavra.

2 Sobre Leitura, Escrita, Letramento e Educação em tempo integral

A produção sobre os temas leitura, escrita e letramento são vastas na literatura educacional. Podemos encontrar escritos e mesmo discussões sobre o tema desde o campo da Educação à Lingüística, bem como em textos elaborados por profissionais de outras aéreas.

Na maioria dos cursos de graduação somos convidados, em vários momentos, a dialogar com textos de Emília Ferreiro, Ana Teberosky, Paulo Freire e Magda Soares. Estes são autores dentre outros, que produziram/produzem reflexões sobre Alfabetização e Letramento. Assim, podemos dizer que estes intelectuais são figuras carimbadas quando se abordam aqueles temas.

Dito isso, precisamos esclarecer que nosso propósito neste trabalho não será o de revisar e reescrever exaustivamente o que os autores supracitados pensam/ pensaram sobre os temas leitura, escrita e alfabetização. Este não é o foco deste artigo, visto que devido ao espaço que nos cabe, pretendemos centralizar seu conteúdo no relato de uma experiência de letramento, como forma de exemplificar que é possível desenvolvermos atividades que possibilitem a aquisição e domínio das habilidades de leitura, escrita e operações matemáticas de nossos alunos.

. Embora não seja nosso intuito elaborar quadros teóricos sobre as temáticas aqui discutidas, sentimos a necessidade de revelar nossas concepções sobre os mesmos.

Nesse sentido, cabe-nos revelar o que entendemos e defendemos quando nos deparamos com o assunto em pauta.

Quando pensamos nos atos *ler* e *escrever***,** partimos do entendimento que estes são processos correlacionados e que devem se desenvolver simultaneamente na prática pedagógica escolar. Sendo ações interativas, o *ler* e o *escrever* precisam, acima de tudo, ser efetivamente praticados no espaço da sala de aula. O que vem acontecendo no cotidiano escolar nos parece mostrar uma realidade diferente, e que de certo modo, nos causa espanto.

Na maioria das escolas, o *ler* e o *escrever* são pensados como processos isolados, restritos, muitas vezes, à disciplina de Língua Portuguesa nas séries iniciais ou nas disciplinas de Redação e Literatura, no caso das séries terminais da educação básica. Além disso, se percebe a leitura e a escrita não como experiência, mas, como exigência. Como conseqüência, as produções escritas e as práticas de leituras cumprem apenas meros requisitos para avaliação de desempenho (escolar).

Pensamos a leitura e a escrita enquanto atividades que proporcionam experiências ao sujeito. Sendo assim, cabe-nos carregar um pouco da leitura para além do seu tempo, para além da hora em que se realiza, - que deve ocorrer o mesmo com a escrita, compreendida sua importância enquanto experiência. (Kramer, 2000).

Partindo do entendimento que *ler* e *escrever* devem consistir em situações de vivências e que desempenham um papel importante na formação dos próprios sujeitos (Kramer, 2000), nos resta empreender investidas para sua promoção no ambiente escolar, principalmente no espaço de sala de aula. Isso implica na reflexão de nossas práticas pedagógicas. Nesse sentido, cabe ao professor encorajar a "compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo" (FREIRE, 2001, pag. 11). A compreensão crítica do ato de ler pelo sujeito perpassa, ao nosso ver, momentos de vivências com a escrita e oralidade.

A ampliação do contato com práticas de leitura e escrita pode ser possível através de um elemento que hoje se visualiza indispensável para a escola: a extensão de sua jornada. Assim, a extensão do tempo de permanência do aluno na escola ou sob sua responsabilidade, particularmente, para aqueles oriundos das classes populares, pode (e deve) possibilitar o incremento de atividades educativas complementares, instaurando

“um modelo de organização escolar que possibilite a realização de um projeto educacional efetivamente democrático” (COELHO&CAVALIERE, 2002: p.7).

Com a jornada escola ampliada, as práticas de letramento, ou seja, o uso social da leitura e da escrita (Soares, 2001) pode ser realizado não somente em aulas ou oficinas de língua portuguesa, redação ou literatura, mas também podem ser realçadas em atividades das mais diversas, a exemplo de esportes, dança, artes plásticas e atividades laborais.

3. Incentivo à Palavra e sua proposta de Letramento

No ano de 2005, foi implementado em Nova Iguaçu, o Programa Bairro-Escola[2], uma proposta de educação em tempo integral para as escolas públicas da rede municipal de ensino. Com a finalidade de oferecer uma educação ampla em tempo ampliado, que incorpore espaços educativos para além do escolar, o Bairro-escola vem se tornando um programa governamental de referência nacional.

Ainda quando de sua criação, o programa deu origem a alguns cargos dentro da escola, dentre eles, o coordenador de Incentivo à Leitura, que hoje é conhecido como Incentivador da palavra, que trabalharia com as turmas do tempo integral.

Dois anos após a largada das atividades, ou seja, em 2007, a E. M. Paulo Roberto F. Araújo, nosso campo de pesquisa, aderiu ao programa, dando inicio às oficinas. Assim, antes de discutirmos a proposta de letramento do Incentivo à palavra, faz-se necessário descrevermos o ambiente escolar onde se realizou esse estudo.

A escola Municipal Paulo Roberto F. Araújo, sediada na Região Nordeste de Nova Iguaçu (RJ), foi fundada no ano de 1996. Localizada no Bairro do Geneciano, ela pode ser considerada como de pequeno porte, pelo espaço físico acanhado que possui. Além disso, a escola conta com cerca de 41 funcionários, atendendo aproximadamente 457 alunos do primeiro ao quinto ano de escolaridade, advindos do próprio bairro, como também de outros próximos.

---

[2] Para mais detalhes ver GADOTTI, Moacir e CABEZUDO, Alicia. Cidade Educadora: princípios e experiências. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

A instituição situa-se em local periférico da cidade, com imóveis residenciais, hortas, uma igreja, uma mata e animais perambulando pelas ruas. Estas não são asfaltadas, o que dificulta a circulação de veículos pelo bairro, atendido por apenas duas linhas de ônibus.

O pátio da escola é feito de cimento, possui uma amarelinha, um jogo da velha e alguns bichinhos pintados. Nele está organizado o cantinho da leitura, espaço destinado para momentos de leituras. Percebe-se que as crianças freqüentam espontaneamente esse local, principalmente em seus momentos livres.

A escola tem oito salas de aula, compostas cada uma por carteiras estudantis, lousa de giz, um mural, três ventiladores (um de parede e dois de teto), mesa e armário do professor. Além desses espaços, encontramos um ambiente com seis computadores organizados sobre mesas educativas[3], com jogos pedagógicos e alfabeto móvel. Neste encontramos ainda um acervo, com cerca de seiscentos livros paradidáticos, em virtude de não existir uma biblioteca.

Visto isso, antes de descrevermos algumas das atribuições do incentivador da palavra é importante destacar que a pessoa que exerce essa função é um professor concursado, que saiu de sala de aula para atuar nessas oficinas. Esse fato é digno de grande consideração, pois todos os outros oficineiros não são professores regulares, são estagiários, enfim, pessoas contratadas. Não queremos com isso desmerecer outros profissionais, mas sim destacar essa diferença.

Outra característica pertinente a este estudo se refere à programação dos momentos de interação do incentivador com os alunos. Nesse sentido, é importante dizer que o incentivador deve programar um horário de atendimento para as turmas do tempo integral. Se houver condições, ele deve também montar uma grade de horários para os alunos do regular. No período em que o horário integral não estiver acontecendo o ideal é que o incentivador atenda as do turno regular.

Dentre as atuais atribuições do incentivador da palavra, podemos destacar as seguintes: (1) Criar um espaço de leitura para os alunos; (2) Elaborar aulas prazerosas de incentivo à palavra e leitura; (3) Encorajar práticas de leitura e escrita; (4) Criar meios de empréstimos de diferentes fontes de leitura; (5) Viabilizar meios de integrar as diferentes fontes de leitura ao cotidiano dos alunos.

---

[3] Computadores com softwares pedagógicos.

Destacamos as atribuições acima, porque demonstram a concepção de leitura e escrita das oficinas. Através delas podemos inferir que a perspectiva desses momentos não é em hipótese alguma a de promover o ensino de técnicas, visto que a "aprendizagem da técnica, domínio do código convencional da leitura e da escrita e das relações fonema/grafema, do uso dos instrumentos com os quais se escreve, não é pré-requisito para o letramento" (SOARES, 2003, pág. 16).

Nas oficinas desenvolvidas na E. M. Paulo Roberto F. Araújo acontecem diferentes práticas de incentivo a palavra, a saber: jogos pedagógicos que envolvem leitura, escrita e matemática, contação de histórias, criação de fantoches/dedoches, teatro, confecção de livros, construção de versos, construção coletiva de histórias, (re)escrita de histórias, danças, músicas, roda de leitura, baú de livros, autor homenageado, paródias, exibição de filmes, entre outros. Para desenvolver essas oficinas, o incentivador dispõe de uma hora e vinte minutos com os alunos do horário integral e quarenta minutos para as turmas do regular.

Os temas das oficinas são planejados com antecedência, para que haja tempo suficiente para a organização de materiais que darão suporte a prática. O incentivador procura fazer uma interação entre o seu planejamento e o plano de curso da escola. A rotina desses momentos, geralmente acontece da seguinte forma: uma conversa informal, logo em seguida contação de história, feita por algum aluno ou o próprio incentivador, e por fim uma dinâmica, que pode ser construção de um texto, um jogo ou até mesmo uma dança.

Uma das oficinas que podemos citar como exemplo aconteceu num dia de culminância bimestral, no pátio com todos os alunos e professores da escola. O incentivador convidou os alunos e os professores a participarem de uma brincadeira.

Em seguida pediu para arrumarem um par e depois ensinou a função de cada um da dupla na dança - então começou a cantar e a ensinar a música *"De abóbora faz melão, de melão faz melancia, faz doce sinhá, faz doce sinhá, faz doce sinhá Maria. Se quiser aprender a dançar vá na casa do Juquinha, ele pula, ele rola, ele faz requebradinha"*. A música compreende uma pequena história popular que é contada em ritmo de quadrilha e desperta, além da diversão, um conhecimento histórico, visto que tem palavras em sua composição que já não fazem parte do nosso cotidiano. Em outro momento quando de nossa presença em um dia da oficina, observamos um trabalho feito com portadores de textos (jornal, revistas em quadrinhos, cartas, bilhetes, cartazes)

proposto pela incentivadora aos alunos. Tratou-se de uma atividade que despertou o interesse da turma, pois envolveu todos os alunos presentes.

As práticas descritas anteriormente vem oferecendo aos alunos momentos prazerosos de contato com diferentes suportes de leitura e escrita, conforme podemos verificar pela análise dos dados de uma pesquisa realizada com alguns professores da escola e que apresentamos em seguida os dados coletados no instrumento de pesquisa que utilizamos.

4. Dados de uma pesquisa realizada sobre a oficina

Para avaliar o processo de letramento das oficinas e verificar se elas estão conseguindo atingir os efeitos esperados, realizamos na escola pesquisada um estudo qualitativo. Uma das suas etapas consistiu na aplicação de um questionário estruturado aos professores do quarto e quinto anos do tempo regular.

Decidimos aplicar os questionários aos professores do quarto e quinto anos, pelos seguintes motivos: (1) suas turmas são formadas basicamente por alunos que já estudavam na escola, antes mesmo do início das oficinas e (2) os professores são os mais antigos da instituição, isso possibilita uma análise do antes e do depois da realização das oficinas.

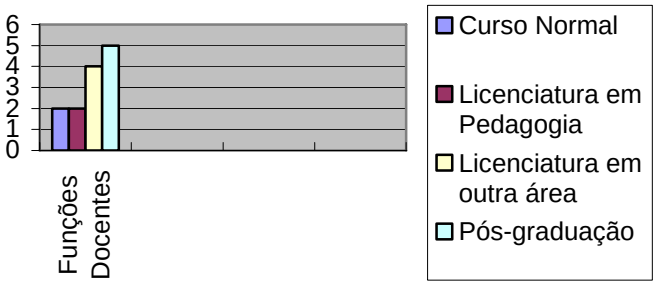
Nosso objetivo era disponibilizar aos docentes um instrumento que lhes possibilitasse avaliar os resultados do projeto aqui discutido. Nesse sentido, elaboramos um questionário com oito questões objetivas: as questões 1 a 8 eram compostas por quatro opções (a, b, c e d); as questões 2, 4 e 7 eram compostas por cinco alternativas, enquanto as questões 3, 5 e 6 possuía uma opção afirmativa e outra negativa.

Os questionários foram respondidos por sete professores efetivos do horário regular, entre os períodos de abril a meados de junho, dentro do ambiente escolar. No preenchimento do formulário foi facultada aos respondentes a identificação, pois desejávamos tranqüilizá-los na resolução do instrumento de pesquisa.

No momento da abordagem dos sujeitos da pesquisa, informamos os objetivos do questionário proposto, assim como, em seguida, explicamos cada pergunta solicitada para que eles – os professores-pudessem respondê-las seguramente. Após o preenchimento, recebemos os instrumentos para realização de suas análises.

Apresentamos a seguir os resultados das análises dos questionários aplicados aos sujeitos da pesquisa, para verificarmos como estes avaliam a proposta de letramento da oficina de Incentivo à palavra, desenvolvida em seu espaço de trabalho. Ressaltamos que as questões e respostas de número 1, 2, 4, 7 e 8 foram representadas em formato de gráfico de colunas para uma melhor visualização e exploração dos dados. As demais questões serão descritas em seguida. Segue abaixo as análises dos dados sistematizados em cada gráfico.

Gráfico 1 – **Funções Docentes**

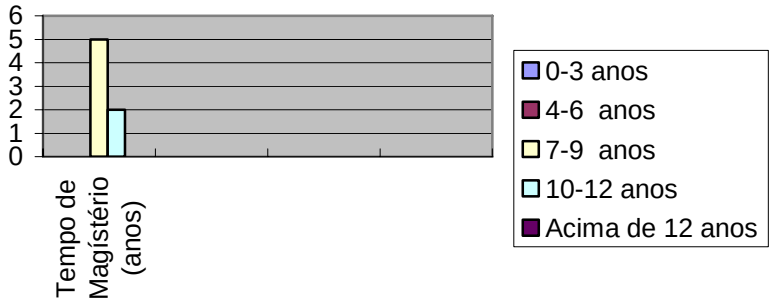


O eixo na vertical simboliza o quantitativo de professores pesquisados e na horizontal representa as respostas referentes as funções docentes. Nesse primeiro gráfico podemos verificar que, do universo pesquisado, é significativo o quantitativo de professores que possuem pós-graduação (5 dos 7 respondentes), representando assim um percentual aproximado de 71,42%. Na outra ponta encontramos um percentual de 28,57% (2 dos 7 de professores) que possuem somente Curso Normal.

Um dado curioso revelado no gráfico acima se refere ao número de professores licenciados no campo da Pedagogia, cujo quantitativo é inferior ao que representa os licenciados em outras aéreas do saber.

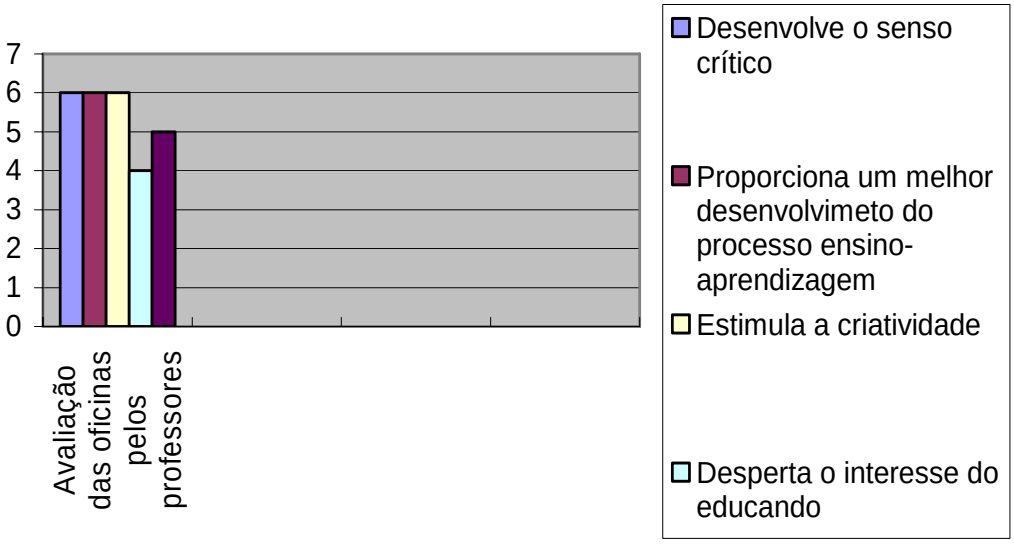
Acreditamos que o fato de haver na escola um grande percentual de professores com pós-graduação é muito positivo, porém concordamos com a reflexão de Vieira (2008) quando argumenta que o aumento dos níveis de formação do professorado parece não se traduzir em mais aprendizagem. Por outro lado, defendemos a importância da formação continuada dos professores, particularmente daqueles que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

Gráfico 2 - **Tempo de Magistério**



Neste gráfico está exposto a relação do número de professores com o seu tempo de magistério. Dos sujeitos pesquisados nota-se que a maioria possui carreira no magistério superior a sete anos. Por outro lado**,** os dados nos permitem inferir que nenhum docente está em início de carreira, pois como se observa no gráfico, não foram assinalados os intervalos de 0-3 e 4-6 anos, referentes ao tempo de magistério. Isso nos permite perceber que os mesmos possuem uma experiência considerável na prática escolar, o que daria margem a outra investigação, visando saber as correlações entre tempo de formação e trabalho qualitativo em sala de aula.

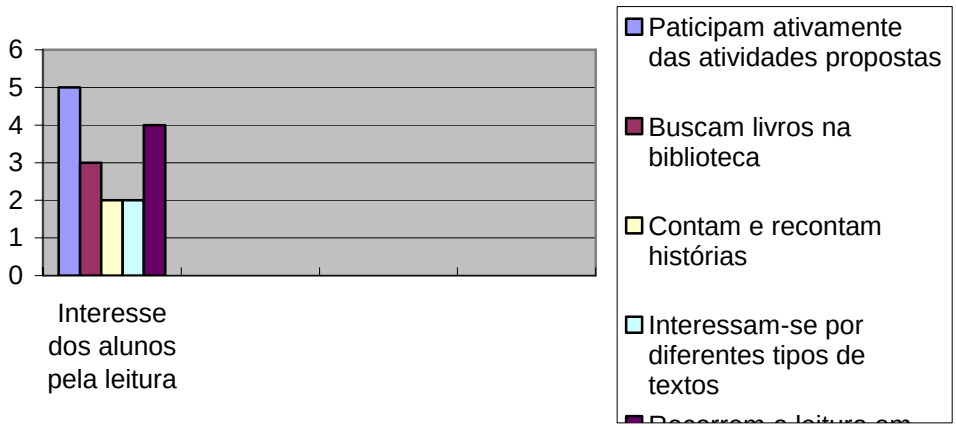
Gráfico 3 – **Avaliação das oficinas**



Nesta representação aparecem dados que revelam a percepção dos pesquisados sobre os efeitos das oficinas de Letramento. Em termos percentuais podemos averiguar que 85,71% dos respondentes avaliam positivamente o trabalho

realizado, justificando que o mesmo proporciona o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e estimula a criatividade dos educandos.

Gráfico 4- **Opinião dos professores sobre o interesse dos alunos pela Leitura**



O quarto gráfico revela que 71,42% dos professores responderam que os alunos participam ativamente das atividades de leitura propostas e que 57,14% recorrem a leitura em situações cotidianas. Esses percentuais são interessantes, já que indicam que os alunos estão despertando novos hábitos de leitura.

Os dados do gráfico respaldam as impressões das observações realizadas na escola, durante o período de pesquisa. Como exemplo, relatamos o fato de muitos alunos procurarem o chamado cantinho da leitura durante os momentos livres, em que não estavam em sala de aula.

Gráfico 5 – **Opinião dos professores sobre o interesse dos alunos pela escrita**

O quinto gráfico, bem como o quarto, revela que 71,42% dos alunos participam de produções escritas propostas e 57,14% recorrem a escrita em situações cotidianas. Quanto a escrita espontânea e a utilização de diferentes formas de escrita os percentuais não se traduzem em valores expressivos, atingindo respectivamente 28,57% e 14,28%. Vale destacar que por *escrita espontânea* foi solicitado aos professores que avaliassem os momentos em que as crianças registravam palavras sem sua intervenção, particularmente no contexto de sala de aula. Já a opção *recorrem a escrita em situações cotidianas* foi sugerido que os professores identificassem se os alunos utilizavam a escrita para além da sala de aula.

O fato dos alunos recorrerem à escrita em situações cotidianas demonstra que eles já estão fazendo uso social de um conhecimento adquirido. Isso se revela importante porque acreditamos que o *escrever* deve ser praticado funcionalmente, em situações de experiências,caso contrário, "a escrita, sem função explícita na escola, perde o sentido; não sucinta, e até faz desaparecer o desejo de ler e escrever" (SMOLKA, 1999: p. 38).

5. Considerações Finais

Evidenciamos nesse artigo a proposta de letramento da oficina de incentivo à palavra em uma escola pública de Nova Iguaçu. Pelo exposto, procuramos socializar as práticas de letramento que vem colaborando para aquisição e domínio das habilidades de leitura e escrita dos alunos da educação fundamental da escola.

Por meio de atividades que levam em conta o contexto sócio-cultural dos educandos, as oficinas estão proporcionando aos alunos do Paulo Roberto F. Araújo novas experiências com o *ler* e o *escrever*. Por outro lado, acrescida a essa proposta, está o projeto de educação integral do Programa Bairro-escola, que pretende ampliar as aprendizagens dos alunos *dentro* e *fora* do espaço escolar.

Expusemos aqui, mesmo que de maneira abreviada, nossas concepções sobre leitura e escrita e letramento. Pretendíamos informar ao leitor que entendemos a leitura e a escrita enquanto momentos de experiências que levam em conta os saberes e o contexto cultural dos educandos. Essa nossa concepção parece ser a que vem sendo praticada na oficina de incentivo à palavra na escola fluminense.

Conforme relatamos, as oficinas de leitura e escrita articuladas com as demais atividades do horário integral vem proporcionando novas aprendizagens para os alunos da escola. Este vem percebendo a cada momento, segundo depoimento dos professores, a presença constante das ações *ler* e *escrever* em seu cotidiano. Os educandos da escola Paulo Roberto, em especial os que cursam o 4º. e 5º. anos, vem adquirindo prazer em ler e escrever, pois quase sempre colocam em prática o aprendizado adquirido, seja fazendo um simples bilhete para a diretora da escola, justificando uma saída antecipada para o médico, seja folheando livros paradidáticos no cantinho da leitura ou mesmo na sala das aulas de informática.

A pesquisa realizada exemplificou que as oficinas desenvolvidas vêm representando uma experiência positiva de formação de indivíduos leitores. Através de práticas dinâmicas os sujeitos estão construindo hábitos de leitura, interagindo com o seu mundo social e percebendo cada vez mais a função do ler e do escrever.

O que vem acontecendo na escola pesquisada demonstra uma experiência de letramento que é precedida por ações que atuam integralmente em aspectos da vida discente que se levam em conta seu bem-estar físico, seu desenvolvimento como ser social e cultural (Cavaliere, 1996). Em outras palavras, as atividades das oficinas articulam-se com os conteúdos trabalhados nas disciplinas do turno regular e com as demais oficinas do integral. Esse aspecto se revelou importante porque demarca a presença de um movimento que chamamos de transdisciplinaridade dos conhecimentos.

Para finalizar a experiência aqui relatada, a medida que vem sendo alcançando bons resultados na aprendizagem discente, a avaliação feita pelos professores exemplifica, por outro lado pode estar contribuindo para que a escola campo de pesquisa possa avançar nos indicadores educacionais, a citar o Índice de desenvolvimento da educação básica (IDEB).

6. Referências bibliográficas.

CAVALIERE, Ana Maria Villela. Escola de educação integral: em direção a uma educação escolar multidimensional. Rio de Janeiro, 1996. Tese de doutorado, UFRJ.

COELHO, Lígia Martha Coimbra da Costa; CAVALIERE, Ana Maria Villela. **Educação brasileira e(m) tempo integral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 41.ed. São Paulo, Cortez, 2001.

KRAMER, Sonia. **Leitura e escrita como experiência** – seu papel na formação de sujeitos sociais. Presença Pedagógica. V. 6 n. 31. jan/fev. 2000.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 8 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização**. Presença Pedagógica. V. 9 n. 52. jul/ago. 2003.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VIEIRA, Sofia Lerche. **Educação básica**: política e gestão da escola. Fortaleza: Líber Livro, 2008.